

## A Grécia na encruzilhada do século XX

*Felipe Alexandre Silva de Souza<sup>1</sup>*

Resenha recebida em 03/12/2018 e aprovada em 30/12/2018

No Brasil, via de regra, o ensino acadêmico de história relega a Grécia às disciplinas de história antiga, focando principalmente na Antiguidade Clássica e no período de Alexandre Magno. Menos atenção é dedicada à época do mal chamado “Império Bizantino”, e depois da tomada de Constantinopla pelos otomanos, essa região raramente é abordada — com a possível exceção de alguns comentários laterais sobre a guerra de independência grega contra o Império Otomano. No entanto, estudar a nação helena é de fundamental importância para a compreensão da história política do século XX. Não apenas por conta de seus intrincados processos sociopolíticos, marcados por toda sorte de intrigas palacianas, rebeliões e golpes de estado, mas principalmente pelas dimensões internacionais alcançadas pela guerra civil que assolou o país entre 1943 e 1949. Por isso, o livro de André Gerolymatos, *An international civil war: Greece, 1943-1949*, publicado pela Yale University Press em 2016, é um volume essencial para se entender a importância geopolítica da Grécia no período que compreende os últimos anos da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria.

O livro é o trabalho mais recente e resultado de décadas de pesquisa de Gerolymatos, professor da Simon Fraser University, no Canadá, onde ocupa a cadeira de Estudos Helênicos. Segundo o próprio Gerolymatos, a maioria dos estudos recentes sobre a guerra civil é feita segundo a perspectiva da microhistória e está disponível apenas em grego, o que dificulta em muito o acesso e o entendimento desse processo por parte do público geral fora da Grécia. O objetivo declarado de seu trabalho é contribuir para suprir essa deficiência, oferecendo aos leitores de inglês uma narrativa de história política que cubra os aspectos gerais da guerra. Para isso, Gerolymatos contou com amplo aporte de referências bibliográficas em vários idiomas e também com uma grande variedade de fontes primárias gregas, inglesas e estadunidenses — entre as quais podemos destacar material diplomático, depoimentos e entrevistas com participantes, periódicos, memórias, cartas, reportagens, panfletos políticos e documentação partidária.

Uma das dimensões principais que o livro elege para exame são as relações entre a Inglaterra e a Grécia, marcadas por forte influência política, diplomática, econômica e militar de Londres sobre Atenas, o que por mais de um século manteve a Grécia, pode-se argumentar, como um domínio informal do Império Britânico. A influência inglesa sobre a nação helênica era significativa desde que a Grécia despontou no cenário internacional como estado nacional moderno, quando da conquista da independência em relação ao Império Otomano (1821-1832). A Grécia era importante para os britânicos por fazer parte de uma rede de pontos estratégicos no Mediterrâneo, sobre os quais Londres exercia influência (quando não presença militar direta), junto com Gibraltar, Malta e Chipre. Esses pontos, juntamente ao Canal de Suez no Egito, formavam a *linha vital* de comunicações do Império Britânico, essencial para a circulação de mercadorias e também para o deslocamento da Marinha Real — na qual se ancorava o poderio militar inglês — entre as ilhas britânicas e as colônias no subcontinente indiano. Não foi

## A GRÉCIA NA ENCRUZILHADA DO SÉCULO XX

FELIPE ALEXANDRE SILVA DE SOUZA

por nada que, durante a conferência de outubro de 1944 entre Winston Churchill e Iosif Stalin — na qual se discutiu como os Balcãs e o sudeste da Europa seriam divididos entre zonas de influência britânica e soviética —, Churchill insistiu que a Grécia permanecesse uma área predominantemente britânica. Segundo o primeiro-ministro, o Reino Unido deveria manter sua posição de principal força atuante no Mediterrâneo.

O esforço britânico para manter a proximidade da Grécia tornou-se particularmente intenso a partir da ocupação nazista, e Gerolymatos é bem sucedido em examinar a complexidade da situação e as contradições da política britânica. Quanto os alemães invadiram a Grécia — então sob um regime monárquico autoritário —, agentes ingleses deslocaram o rei George II e um pequeno gabinete de assessores para o Cairo, Egito. A política do Foreign Office, respaldada pelo primeiro ministro Churchill, era fortalecer o governo grego no exílio como parte do esforço de guerra — acreditava-se que a monarquia poderia ser um elemento unificador do povo grego, um símbolo de resistência e unidade nacional. No longo prazo, um governo favorável facilitaria a continuidade da Grécia como parte constituinte da já mencionada linha vital do Império Britânico. Paralelamente, outra agência governamental britânica, a Special Operations Executiva (SOE), passou a abastecer diversos grupos guerrilheiros com dinheiro, armamentos e equipamentos, com o intuito de causar o máximo possível de dano aos nazistas. Dessa forma, expõe Gerolymatos, diferentes órgãos governamentais britânicos estavam financiando e apoiando as forças políticas que viriam a se degladiar na guerra civil que se deflagrou quando do fim da ocupação: a monarquia e os guerrilheiros de esquerda.

O principal grupo de resistência era a EAM (*Ethniko Apeleftherotiko Metopo* — Frente de Libertação Nacional), composta por uma coalizão de vários grupos liderados pelo Partido Comunista Grego (KKE — *Kommounistikó Kómma Elládas*). Por intermédio de seu braço armado, o ELAS (*Ellinikós Laikós Apeleftherotikós Stratós* — Exército de Libertação do Povo Grego), a EAM arcou com a grande parte do esforço para demover os nazistas da Grécia. Durante a guerra, essa organização havia conquistado o controle de quase todo o território grego, com influência particularmente forte nas regiões montanhosas, onde seus empreendimentos sociais foram notáveis, podendo ser considerados como a constituição de um Estado organizado em áreas até então negligenciadas, conseguindo de fato elevar as condições de vida da população.

O principal grupo guerrilheiro rival da EAM-ELAS era o Exército Nacional Democrático Grego (*Ellínikos Dímokratikos Ethnikós Stráto* — EDES), composto por grupos mais conservadores em relação à EAM, e que tenderiam, no pós-ocupação, a se aliar à monarquia em exílio. A partir de 1943, o EDES e a EAM-ELAS, paralelamente à luta contra a ocupação alemã, passam a entrar em choque armado em disputas por território, o que marca, para Gerolymatos, a primeira fase da guerra civil grega, que se estendeu até um armistício em fevereiro de 1944. Em outubro desse mesmo ano, os alemães se retiraram, deixando para trás as consequências devastadoras da ocupação: a infraestrutura da nação estava em ruínas, o desemprego e a inflação atingiram níveis astronômicos, e era aguda a carência de alimentos e de combustível para aquecimento caseiro. Meio a essa situação, cresciam as recriminações e acusações mútuas de traição e colaboracionismo.

A constituição de um novo governo de unidade nacional em torno da monarquia trazida de volta do exílio e restaurada, com apoio britânico, não foi

## A GRÉCIA NA ENCRUZILHADA DO SÉCULO XX

FELIPE ALEXANDRE SILVA DE SOUZA

suficiente para manter a paz por muito tempo: já em dezembro de 1944, a EAM e seus apoiadores entram em choque com os novos governantes, que pretendiam desmobilizar os grupos guerrilheiros de esquerda, praticamente deixando-os a mercê de grupos de direita e colaboracionistas que ainda circulavam pelas ruas das cidades e pelas áreas rurais. Esse novo ciclo de lutas — a segunda fase da guerra civil —, concentrado em Atenas, terminou em fevereiro de 1945 quando o governo, com o suporte de soldados britânicos, conseguiu encurralar a guerrilha e pressioná-la a aceitar um acordo de cessar-fogo.

O ano de 1945 foi marcado por crescente instabilidade política e pela brutal atuação de grupos paraestatais de extrema-direita na repressão, perseguição e assassinato de pessoas suspeitas de terem alguma ligação com organizações de esquerda. No início de 1946, os ex-guerrilheiros da EAM, cada vez mais acuados, retornavam às armas com intuito de auto-defesa, e os dirigentes do KKE resolveram reorganizar suas forças e lançar um ataque coordenado ao governo. A terceira fase da guerra civil seria a mais longa, durando até 1949, com a vitória final da monarquia grega sobre as forças do KKE. Gerolymatos foca sua análise nas principais batalhas e movimentos militares, bem como nas ações e decisões das lideranças envolvidas na guerra. Em torno desse eixo narrativo, consegue expor de forma hábil a forma como a escalada da crise grega teve implicações internacionais cada vez mais complexas, para além de colocar em risco os interesses britânicos na região:

O que era, para todos os efeitos, uma crise doméstica grega, rapidamente se transformou em uma disputa envolvendo os Estados Unidos e, em menor grau, a Grã-Bretanha, contra a União Soviética e seus satélites, particularmente a Iugoslávia, Bulgária, Albânia e, indiretamente, Romênia, Tchecoslováquia e Hungria [...]. A participação desses estados no que seria uma preocupação regional transformou o fatiçamento grego em uma guerra civil internacional [...].<sup>11</sup>

Dessa forma, o foco se desloca das relações entre Inglaterra e Grécia para outra dimensão explicativa essencial em âmbito internacional: o crescente envolvimento dos Estados Unidos e, em menor medida, da URSS na questão grega — ao mesmo tempo em que os britânicos finalmente abdicavam de sua predominância na nação helena. Um ponto de viragem claro se deu em fevereiro de 1947, quando a embaixada britânica em Washington enviou uma mensagem ao Departamento de Estado dos EUA. Tratava-se de um anúncio comunicando o fim auxílio britânico à Grécia e à Turquia, e sinalizando a esperança de que a presidência de Harry Truman ocupasse o espaço que seria deixado pela Inglaterra. A equipe de Truman elaborou então um intrincado programa de auxílio econômico e militar aos dois países, baseando-se no princípio de que a paz internacional e a segurança dos Estados Unidos estariam ameaçadas se gregos e turcos soçobrassem sob a força do comunismo. Tal programa — que viria a ser conhecido como Doutrina Truman — sinalizou uma importante mudança na política externa estadunidense e seu direcionamento para o combate às influências reais ou imaginárias da URSS.

Além do crescente envolvimento estadunidense no conflito, os guerrilheiros gregos progressivamente estabeleciam relações conflituosas com países socialistas dos Balcãs (com destaque para Albânia e Iugoslávia) e recebiam apoio — ainda que ambíguo e nem um pouco entusiasmado — da URSS. O desenrolar dos fatos transformaram a guerra civil grega, argumenta Gerolymatos, não apenas em um marco

## A GRÉCIA NA ENCRUZILHADA DO SÉCULO XX

FELIPE ALEXANDRE SILVA DE SOUZA

da decadência do Império Britânico e sua perda de espaço global para os EUA. Mais do que isso, trata-se de um episódio que ajudou a inaugurar a Guerra Fria. O painel traçado no livro é bem sucedido em mostrar o significado da questão grega no que talvez tenha sido o período de maiores transformações geopolíticas do século XX: o fim da preponderância europeia e o nascimento de um mundo bipolar configurado em esferas de influência ideologicamente colidentes.

Além dessa dimensão mais ampla, um grande mérito de Gerolymatos é articular de forma satisfatória as dimensões amplas das decisões de cúpula com implicações internacionais à exposição do cotidiano e das dificuldades que os gregos enfrentavam meio a um sangrento conflito fratricida. Embora sua abordagem privilegie os aspectos políticos e militares da guerra civil, a riqueza de fontes estudadas permite ao leitor um vislumbre dos desafios que os gregos comuns encontravam para continuar existindo meio à violência. Vários são os personagens que aparecem no livro — atrizes de teatro, funcionários públicos, professores universitários, pequenos comerciantes e empresários —, que, ora procurando manter uma neutralidade, ora apoiando um ou outro lado das forças em choque, contribuíram para a objetivação do processo histórico. A exposição de Gerolymatos nos brinda com atos de coragem, extrema brutalidade, fanatismo e solidariedade, reconstruindo um rico processo desprovido de heróis, vilões e soluções fáceis.

Como é comum em abordagens mais panorâmicas, o que enfraquece a análise em alguns pontos é a falta de aprofundamento em questões controversas desse processo tratado. Pouquíssimo espaço é dedicado aos motivos que teriam levado Moscou a recomendar que a esquerda grega depusesse as armas em 1949, e o autor também não se debruça sobre quais teriam sido os planos reais da guerrilha (preservar a democracia de uma monarquia com pendores autoritários ou implantar uma ditadura do proletariado nos moldes soviéticos?). De forma similar, Gerolymatos salienta apenas o esgotamento financeiro como motivo principal para a renúncia britânica à sua influência sobre a Grécia, quando um breve exame do contexto inglês (com suas disputas políticas acirradas, um crescente questionamento da política externa e ascensão da esquerda trabalhista) já sugere que talvez a questão tenha sido mais complexa do que a exaustão financeira.

Todavia, a despeito dessas fraquezas pontuais, e por ser um dos mais recentes e atualizados trabalhos acerca de um dos mais emblemáticos episódios do século XX, o livro de Gerolymatos é altamente recomendável pela abrangência de sua análise e pela habilidade em reconstruir tanto as grandes manobras políticas internacionais quanto o cotidiano daqueles que foram obrigados a viver em situações extremas. Faz-se leitura essencial para os estudiosos das consequências da Segunda Guerra Mundial, da gênese da Guerra Fria e da história política da Europa em geral.

### Notas

---

<sup>I</sup> Doutorando no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH/UFF). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>II</sup> GEROLYMATOS, A. *An international civil war: Greece, 1943-1949*. New Haven: Yale University Press, 2016.

## A GRÉCIA NA ENCRUZILHADA DO SÉCULO XX

FELIPE ALEXANDRE SILVA DE SOUZA

---

### **Bibliografia**

GEROLYMATOS, A. *An international civil war: Greece, 1943-1949*. New Haven: Yale University Press, 2016.